

• HOLOFOTES DA •

# VIDA

ZELDA  
DANILO NEVES



Cegraf UFG





**UFG** Universidade Federal de Goiás

Reitora

*Angelita Pereira de Lima*

Vice-Reitor

*Jesiel Freitas Carvalho*

Diretora do Cegraf UFG

*Maria Lucia Kons*

---

### **Conselho editorial deste livro**

*Adolfo Tanzi Neto – UFRJ*

*Dilys Karen Rees – UFG*

*Patrícia Roberta de Almeida Castro Machado – UFG*

*Neuda Alves do Lago – UFG*

*Ana Catarina Teixeira – Emory University*

*Sara Guiliana Gonzales Belaonia – UFG*

*Eliane Carolina de Oliveira – UFG*



**Cegraf UFG**  
2024



---

© 2024 Cegraf UFG

© 2024 Zelda (Danilo Neves)

Revisão

*Diogo Hilário da Cruz*

Capa, projeto gráfico e diagramação

*Allyson Moreira Goes*

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

(Neves, Danilo) Zelda  
Holofotes da vida [livro eletrônico] / Zelda  
(Danilo Neves). -- Goiânia, GO : Cegraf UFG, 2024.  
PDF

ISBN 978-85-495-1090-7

1. Drag queens 2. Poesia brasileira I. Título.

25-257361

CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1



Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415





## Sumário



<i>Apresentação</i> . . . . .	8
<i>O Sol</i> . . . . .	13
<i>Ideias</i> . . . . .	15
<i>Intimidade e despedidas</i> . . . . .	17
<i>Ao teu lado</i> . . . . .	19
<i>Aquele adeus</i> . . . . .	21
<i>Corpo</i> . . . . .	23
<i>Uma tarde de domingo</i> . . . . .	25
<i>Rio 60 graus</i> . . . . .	26
<i>O gatinho</i> . . . . .	28
<i>Estrelas cadentes</i> . . . . .	30
<i>Um dia</i> . . . . .	31
<i>Crisântemos descoloridos</i> . . . . .	33
<i>Medo</i> . . . . .	34
<i>Poema do fim</i> . . . . .	35
<i>Pandemia</i> . . . . .	37







<i>Amata</i> . . . . .	39
<i>Holofotes da vida</i> . . . . .	41
<i>Adoração</i> . . . . .	43
<i>As urnas</i> . . . . .	45
<i>Aquela cujo Divino era a outra.</i> . . . .	46
<i>A viada</i> . . . . .	49
<i>A jabuticaba</i> . . . . .	50
<i>Filhote</i> . . . . .	52
<i>Pedido de namoro</i> . . . . .	54
<i>Não tenha medo.</i> . . . . .	56
<i>Curicaca</i> . . . . .	58
<i>Pedido de namoro (versão 2)</i> . . . . .	59
<i>A namoradinha do Brasil</i> . . . . .	61
<i>Children's book</i> . . . . .	63
<i>Nasce uma estrela: Elza Soares</i> . . . .	64
<i>Juventude goiana</i> . . . . .	66
<i>Perguntas</i> . . . . .	68
<i>Poetisa do amor.</i> . . . . .	69





<i>A primeira vez</i> . . . . .	70
<i>Quando adotei um felino</i> . . . . .	72
<i>Suplícios</i> . . . . .	74
<i>Uma pena (parte 1)</i> . . . . .	76
<i>Uma pena (parte 2)</i> . . . . .	77
<i>Descanse um pouco (Versão 2)</i> . . . . .	79
<i>Manancial</i> . . . . .	81
<i>A janela</i> . . . . .	83
<i>Gira, gira</i> . . . . .	85
<i>Dorme, meu amor (versão 2)</i> . . . . .	87
<i>Preces da meia noite</i> . . . . .	89
<i>O gigante acordou</i> . . . . .	91
<i>A academia do pensamento</i> . . . . .	92
<i>Despautério</i> . . . . .	93
<i>O rapaz da ponte</i> . . . . .	95
<i>Para um Brasil, sem amor e sem Anjos</i> . . .	98
<i>Carnaval nos quatro cantos do Brasil</i> . . .	100
<i>Indiferença</i> . . . . .	102







## *Apresentação*

Ainda insistindo em uma visão de poemas etnográficos escritos a partir da perspectiva de uma artista *drag queen* goiana, esta obra dá continuidade ao processo de escrita de textos poéticos que se iniciou com o *Cerrado Colorido* (2019; 2021) e se estendeu até a minha segunda coletânea de poesia: *Intimidades do palco* (2024). Apesar desta publicação se tratar de literatura, acredito que tenho tentado fortalecer as existentes, porém às vezes invisíveis, relações entre língua, linguagem, literatura e linguística aplicada, enfatizando principalmente as pontes entre a arte do transformismo (da *drag queen*) no Brasil, a cultura goiana, a música popular brasileira e a etnografia social que se debruça em entender o meio *queer* de nosso país.

Em retrospectiva, comecei a escrever meus poemas, de forma bem amadora e sem muito compromisso com a literatura, a linguagem, a linguística aplicada e com meus leitores, como fiz em *Cerrado Colorido* (2019; 2021). Já com a minha segunda obra, acredito que cheguei a uma maturidade um pouco maior como artista *drag queen*, como linguista aplicada, como etnógrafa da vida *queer* no Brasil e como escritora. Em *Intimidade do palco* (2014) tentei me preocupar tanto com a apresentação dos textos







em cena, literalmente nos palcos dos teatros brasileiros e das boates de nosso país (as *performances*), como também com a estética e a qualidade literária. Contudo, ao final da escrita do livro, percebi que havia escrito muitos poemas e decidi dividi-lo em dois, e assim surgiu *Holofotes da vida*.

Nesta terceira obra, exploro as belezas e tristezas da existência de uma *drag queen*. Me debruço sobre os amores, as perdas, as decepções, assim como os problemas sociais que enfrentamos e os desafios psicológicos de uma pessoa *queer* vivendo no Brasil, reunindo tanto aspectos literários, linguísticos e culturais da minha primeira obra como da minha segunda, criando assim um conjunto, ainda inacabado, de poemas *drag*. Reúno aqui traços do meu primeiro livro, escrito com o intuito de coletar poemas performados em Goiânia e de meu segundo, feito com a intenção de explorar de forma mais profunda os aspectos sociais e psicológicos das vivências de uma artista.



Como já dito, a poesia da minha primeira coletânea tinha um cunho mais social e mais voltado para a apresentação cênica que eu realizava em Goiânia. Não havia ali muita preocupação com a literatura enquanto arte, com a linguagem, com a linguística aplicada e a etnografia. O foco era mais a performatividade dos textos em cena. Já a minha segunda obra, em complementação à primeira, refletia mais as vivências internas de uma *drag queen* e os sentimentos e ritmos que nos envolvem e que nos inspiram, apresentando o mundo de forma mais profunda. Nesta antologia também assumi um comprometimento



maior em escrever literatura como arte, entendendo que a performatividade da transformista no palco também deve ser acompanhada pela leitura de textos que tenham qualidade literária e relevância social. Em outras palavras, em minha segunda obra, procurei escrever textos mais profundos, utilizando mais recursos de linguagem e mais técnicas e convenções literárias.

Em resumo, nesta terceira antologia, amalgamei os elementos mais positivos presentes na minha primeira publicação e na segunda, trazendo aos meus leitores um conjunto de textos poéticos que, além de refletir o meu próprio desenvolvimento como escritor(a) e como transformista, traduzem também as nossas vivências e desafios dentro e fora do palco.

Como já dito anteriormente, o processo de escrita desta obra começou juntamente com a escrita do meu segundo e selecionei cuidadosamente os textos que fariam parte de cada obra; de modo que *Intimidades do Palco* (2024) começasse em um tom mais sério e abordasse temas mais pesados, como a morte e os sentimentos de depressão, solidão e decepção com a vida, e terminasse com um poema que representasse a esperança, o texto “zumbi”, com menção à minha canção favorita “Ta-hí”, de Joubert de Carvalho, eternizada na voz de Carmen Miranda. Os poemas para *Intimidade do Palco* (2014) foram escolhidos para mostrar que, apesar de cruel e difícil ser a vida, ainda há esperanças e é sempre possível viver em meio ao caos que nos rodeia.



Para esta terceira antologia, selecionei os escritos que mesclassem elementos do meu primeiro e do segundo trabalhos, apresentando textos introspectivos e emotivos, outros que lidam com mazelas da contemporaneidade brasileira, descrevendo, da minha perspectiva, a vida, o palco e o mundo como eles são, como os poemas “Ideias”, “Corpo” e “A janela”. Também dei continuidade à tendência que principiei em minha segunda obra, escrevendo uma poesia que eu considerei mais rica em termos de linguagem e utilizei mais recursos e técnicas literárias. Assim, escrevi diferentes formatos de textos poéticos: alguns com versos livres, modernos e aqueles mais tradicionais como sonetos e poemas rimados.

Também fiz questão de trazer referências a grandes cantoras e cantores do cancioneiro popular brasileiro e suas canções, como Almirante, Carmen Miranda, Cauby Peixoto, Clara Nunes, Elza Soares, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Rita Lee e Gal Costa, por exemplo, fortalecendo assim o vínculo entre a poesia e a arte *drag*, cujo um dos pilares é a dublagem de músicas de artistas famosos. Ademais, abordei temas mais sérios e de maior cunho político em poemas como “As urnas” e “O gigante acordou”, além de me aventurar em temas considerados eróticos e românticos como em “Manancial” e “Pedido de namoro”. Assim, inicio a obra com o poema “O sol”, que traz uma visão otimista da vida e encerro celebrando o carnaval, o amor e o Brasil com “Carnaval nos quatro cantos do Brasil”. Estes são alguns dos temas que meu leitor encontrará em *Holofotes da vida*.



Espero que aqueles que se propuserem a ler esta antologia possam, através do contato com estes textos, apreciar tanto a minha evolução como autor(a), como a poesia nele eternizada. No mais, eu termino esta apresentação desejando, mais uma vez, ao meu público querido, uma boa leitura!

**Zelda**  
(Danilo Neves)





## *O Sol*

*O amor será eterno novamente.*

*(Juízo final, Élcio Soares e Nelson  
Cavaquinho, 1973)*

O sol não explodiu e se despedaçou  
durante a noite passada,  
Tampouco ele deixou de brilhar durante aqueles  
longos dias chuvosos.

Uma hora, meu bem,  
Depois de todo o estrago,  
E mesmo com tudo alagado,  
ele vai raiar.

O sol nunca se esfria quando a lua brilha.  
Por mais que ele se esconda, como uma criança,  
em uma brincadeira sapeca nos pregando uma peça,  
uma hora, meu amor,  
depois de um céu nublado vazio,  
E de todo pranto derramado,  
E com tudo acabado,  
Ele vai despontar.





Talvez entre nuvens a se ocultar,  
Ou nos machucando as vistas ao mostrar  
o que não víamos antes,  
ele ainda vai despontar  
como um menino que se diverte em todos os instantes.

O sol vai estar no seu lugar,  
Ele sempre esteve lá,  
E incandescente nos acalentrará.





## *Ideias*



*Meu mundo caiu  
E me fez ficar assim.*

*(Meu mundo caiu,  
Maysa Matarazzo, 1958)*

Preso em uma sala tomada pelo fogo, dentro  
de minha dolorida mente,  
Minhas ideias são lutadores de sumô,  
extremamente dedicados à sua arte,  
com grande experiência na área de machucar.  
E eu, preso em uma sala, uma criança subnutrida de 90  
anos que não sabe e nem pode se defender ou revidar.

Preso em uma sala sufocante de fumaça invisível, dentro  
da minha cansada cabeça,  
elas são seiscentas e sessenta e seis bolas de tênis vindo de  
todas as direções.  
Todas bolinhas ardendo com brasas vindas das  
profundezas do tártaro,  
E eu, preso e amarrado, preciso rebatê-las com uma  
raquete furada.





Preso nesta sala destruída pelas labaredas, dentro das  
minhas ideias embaçadas,  
nesses pensamentos me imagino morto de todas as  
maneiras possíveis.

Preso em uma sala febril, amarrado, vulnerável e  
indefeso, dentro da minha razão,  
Contra meus demônios já lutei,  
Em cima do morro,  
Debaixo da árvore,  
Preso numa sala,  
Preso naquela sala,  
Preso na sala,  
Estapeando o passado,  
E apanhando no rosto  
Sem previsão de libertação  
Me queimo, preso na sala, e me prosto.

Ganhando uma trégua até o dia seguinte,  
Ainda inerte em uma sala infernal em chamas  
ensandecidas.  
Sempre preso, queimado e doente,  
Calado, gritando para as paredes ardentes e ensurdecidas.





## *Intimidade e despedidas*

*Vou contar minha história,  
Que não é bonita,  
E nem é só glória.*

*(Me leva pro céu, Fernando Costa e  
Rossini Pinto, 1975)*

Aperto os seus dedos como se eu quisesse  
te segurar comigo para sempre.  
A sua respiração ofegante parece me dizer  
que há uma grande luta dentro de você  
e que não há  
Nem vitórias nem derrotas,  
Apenas desapegos e despedidas.

Cada momento parece durar séculos  
Mas você vai me ensinando a ser paciente  
Me pede para viver o agora  
E vou vivendo de pouquinho a pouquinho  
a cada minuto.





Seus olhos, já em descanso, revelam o que há de ser.

Seus pulmões já trabalham como se em  
final de expediente.

Sua presença se faz presente no silêncio  
E neste mesmo silêncio

Percebo que já não o tenho mais presente.





## *Ao teu lado<sup>1</sup>*

*Não contarei os beijos*

*Porque os desejos não sei somar.*

*(Beijar, Juan Bruno Tarraza e  
Ghiaroni, 1956)*

Aperto os seus dedos como se eu quisesse te segurar  
comigo para sempre.

A sua respiração ofegante parece me dizer tanto  
que há dentro de você

e que não há nem vitórias nem derrotas,

Apenas desapegos de desafetos e despedidas de  
desamores.

Cada momento parece durar séculos,

Mas você vai me ensinando a ser paciente.

Me pede para viver o agora,

E vou vivendo de pouquinho a pouquinho,  
a cada minuto

Deitado no seu peito te sentindo de respiro a suspiro,  
segundo por segundo

---

1. versão 2 de "Intimidades e Despedidas".





Primeiro o primeiro, segundo o segundo e  
logo perco a conta.

Seus olhos, já em descanso, revelam o que há de ser.  
Seus pulmões ainda trabalham, como se  
em final de expediente  
E sua presença se faz presente no silêncio  
E neste mesmo momento de ócio  
Percebo que o tenho ainda mais presente  
Do que sempre o quis ter.





## *Aquele adeus*

*Vou-me embora chorando  
Com meu coração sorrindo  
E vou deixar todo mundo  
Valorizando a batucada.*

*(Adeus batucada, Synval Silva, 1935)*

Naquele dia infeliz  
Quando nos vimos,  
Eu não imaginei que seria  
a última vez que o fitaria  
e nunca suspeitei  
que aquele seria o último abraço que lhe dei.

...

Naquele dia feliz  
Quando nos divertimos,  
Não atinei que era uma despedida,  
E, como de costume, de saída,  
Como um grande amigo, te beijei  
E como se fosse te ver de novo, te abracei.

...

Queria que aquele abraço  
Durasse para sempre.





Mas como todo laço,  
Que se rompe de repente  
Eu não pensava que nunca mais iríamos nos ver para  
falar inglês  
Você tinha tantos sonhos planos de viver a vida com  
fluidez.  
Então um dia, infeliz, em uma tarde que poderia ser feliz,  
descobri que você se desfez  
De tudo que você havia planejado, de toda vida, de  
repente, de uma vez.

...

Só me sobrou o choro sofrido,  
E o desconsolo doído.





## *Corpo*

Quando eu engordei  
Me chamaram de porca.  
Sentei e chorei.  
Descontrolado,  
Sem cuidado.

Quando emagreci demais,  
Me chamaram de magro, bem contente.  
Me perguntaram como eu era capaz  
e eu disse que simplesmente estava doente.

Todas as pessoas celebravam a magreza,  
Não percebiam a minha tristeza,  
Quando me olhavam,  
E me julgavam,  
Com a fita métrica na língua,  
E a balança nos olhos.





E eu perdi minha forma querida,  
Abatida,  
Deprimida,  
Vencida.





## *Uma tarde de domingo*

Eu sou a moça da janela, escondida  
Que avista a vida lá fora sendo vivida  
Corrida na cidade perigosa.

Da segurança e calma do meu quarto bem alto,  
sou a fofoqueira que vê os rapazes e as moças no asfalto  
Vendendo no sinal sua mercadoria,  
para lá e para cá noite e dia.

Sou a pessoa que, olhando caladinha  
Vê o assassinato na avenida vazia,  
Que sabe o que há de errado com a vizinha,  
Mas nunca ousa ligar ou chamar a polícia.

Sou aquela que do silêncio noturno,  
Escuta os berros e percebe o vermelho no coturno,  
Mas que se faz cega, vira os ombros, se cala na hora  
E ninguém me nota, sou apenas uma jovem senhora.





## *Rio 60 graus*

Mais um dia de verão penoso,  
Com o suor escorrendo pelo rosto.  
Eu abro os vidros para sentir o toque do vento,  
o cheiro do café da vizinha.

O bafo infernal me banha a pele.

Quero ver a vista de frente ao prédio,  
Quero repousar por um segundo,  
Quero tanto  
Que me pego fantasiando...

Imagino a praia,  
Tão longe e tão perto.

Sinto a brisa,  
As pessoas caminhando na orla da praia,  
Os casais se beijando atrás das árvores,  
O barulho das ondas do mar,  
O gostinho da caipirinha e do açai.





Tudo o que eu deveria, mas não posso ter.  
A única sensação da maresia que me fica é o calor.  
Finalmente, com desgosto, desperto do devaneio,  
E ao olhar a pilha de trabalho em cima da mesa,  
Tropeço na realidade, na piedade e no meu receio.





## *O gatinho*

*O gato e a gatinha sempre vão pro  
meu quintal*

*Fazer miau, miau!*

*(Miau, miau, Haroldo Lobo e  
Milton de Oliveira, 1939)*

Depois que a senhora que passou mal,  
E que vivia no apartamento ao lado  
Não voltou mais do hospital,  
Todas as noites o seu gatinho ficava no telhado.

E lá de longe  
Do anil infinito  
Brilhava uma estrela.  
Que antes estava tão perto  
Tão aqui  
Tão repleta de afeto.  
Tão cheirosa,  
cheia de abraços,  
Afetuosa.  
Antes presente,





Agora ausente,  
Só o seu bichinho  
Ainda lhe vê ali,  
Tristinho, tadinho.

E a mulher, que agora no céu habita, brilhante,  
Repleta com eternas saudades,  
desce para a terra por apenas um instante,  
e beija o animalzinho,  
cintilando no seu lugarzinho.  
E depois retorna para o infinito  
Alegrando a noite do felino aflito.





## *Estrelas cadentes*

*Que será da minha vida sem teu  
amor?*

*(Que será, Marino Pinto e  
Mario Rossi, 1961)*

Tua cintura é revista de estrelas.  
Pequenas pintinhas que marcam a sua identidade,  
E que me prendem na nebulosa do seu corpo.

E quem disse que a partida não dói?  
Ela arde para quem vai  
E, para quem fica, ela corrói.

Se tu soubesses o dano  
que o buraco negro da sua alma  
me fez,

me tiraria deste tormento  
e me ouvira com calma  
uma única vez.





## *Um dia*

*Bandeira branca, amor,*

*Não posso mais...*

*(Bandeira Branca, Laércio Alves e*

*Max Nunes, 1970)*



Ao olhar o redor,  
Vejo e sinto o vazio,  
A saudade e a dor,  
E o quarto frio.

Nele, as noites durmo aflito pelos meus ais,  
Procurando um abraço onírico que me dê paz,  
Mesmo sabendo que nunca o terei mais.

Então sem ter a sua presença de fato,  
Fecho os olhos e o beijo com afago  
Recorro aos sentidos, ao olfato palpável,  
E passo a viver de memórias e um destrato insensível.

Encaro por horas as nossas fotos,  
Durmo abraçado com nossos retratos.





Esperando o remédio bater para eu cair acabado,  
E finalmente me encontrar com você noutro lado.

Vejo-lhe ao sair pela rua,  
Estampado na cara de pessoas estranhas,  
Viajo com a cabeça na lua, com o telefone na mão e  
muito nas minhas entranhas.

Perco a vontade de sair da cama e conviver.  
Deixo de lado o trabalho, o estudo e o lazer.

Sinto-me apagado. Sem luz.  
No escuro do passado. Sem cruz.

Esperando,  
Com o coração palpitando,  
Apanhando...

Por uma mensagem  
Que nunca vem.





## *Crisântemos descoloridos*

Tirem todas as flores coloridas da mesa  
E deixem que elas desbotem no lixo.  
Removam todas as lembranças boas e ruins  
E as deixem apodrecer sem suas raízes.  
Tragam-me crisântemos para o caixão  
E os deixem desbotar naturalmente como a vida.





## *Medo*

O tapa que você me deu na cara ainda arde depois de  
anos.

Seus dedos ficaram tatuados na minha alma.

O veneno parou preso na garganta.

O sangue dos meus cortes ainda escorre.

E a pele de cigarro acesso arde.

Mas ainda sim, mesmo depois de toda humilhação,

Mesmo depois de me recusar o pão,

O pior medo que eu tenho é o medo de mim mesmo.

Sou a chama que queima em cima da vela

Que pisca no escuro e tudo revela,

que derrete até o seu o pavio

Deslizando em dores no vazio.





## *Poema do fim*

*Errei, sim.*

*Manchei o teu nome.*

*(Errei, sim, Ataulfo Alves, 1950)*

E por fim, devido à grande ferida,  
antes de cortarmos os laços do destino em fita,  
Lamento perder o amor.  
Aquele amor de uma parte da minha vida,  
mas não o amor para a minha vida.

Você pode chamar de drama, de arrependimento, de  
angústia.  
De saudades da extinta chama, dos sentimentos ou  
tristeza fria e vazia.

Mas me despido, com uma canção,  
que você pode ouvi-la, ou não,  
Você tem todos os direitos de fazer esta decisão.





São apenas letras e violão,  
porém ouço todas as noites em vão,  
pensando nos erros e nos acertos da nossa relação.





## *Pandemia*

Corpos em cima de corpos e corpos,  
No topo de outros mil em situações mais torpes,  
Jogados em uma vala comum,  
Rostos dos quais ninguém podia reconhecer nenhum.

A cada dia banalizou-se mais intensamente a morte:  
E em um buraco profundo no chão,  
Empilhavam-se inúmeros indigentes juntos em  
decomposição,  
Um monte de ossos envolvidos no odor de corrupção  
forte.

Desconhecidos em vida,  
unidos na mesma sepultura.  
Onde se esconde a esperança desaparecida,  
Em meio à necro-cultura:

Números diminuídos,  
Dados destruídos,  
Humanos desaparecidos.





Quem imaginaria  
Que a vida assim seria  
Em plena pandemia?





## *Amata*

Lá perto de casa tem uma mata.

E lá um mata,

E outro mata.

Mata a gata,

Mata a beata ,

Até um vira-lata,

E joga na mata.

É um mata-mata.

Às vezes, até a polícia mata,

Mata no asfalto da mata,

No morro da mata,

E depois joga de novo na mata.

A garota se mata,

O garoto se mata,

Dizem que acabou a mamata,

E que acabou o mata-mata

Que acontece na mata.





Mas e você? Ser primata!

Como você se mata?

Quem é que te mata?

Quando isso te mata?

E por fim, uma charada chata:

Pra você, seja um diplomata

Ou um nada que capina a mata,

Ou um camarada empata,

Quem é que você mata?





## *Holofotes da vida*

*Cantei, cantei, como é cruel cantar  
assim!*

*Só sei que todo cabaré  
me aplaudiu de pé  
quando cheguei ao fim.*

*(Bastidores, Chico Buarque, 1980)*

Piso fora da cena e a máscara me cai,  
Tiro as joias, expondo toda a ferida,  
E a carne viva que latejava por debaixo da pintura.

Desligando a câmera, volto a ser quem eu era:  
Uma pessoa meio metida  
E a fome de viver se esconde por dentro  
de minhas entranhas.

Fora da sala de aula,  
longe dos amigos,  
dentro do meu quarto,  
sozinha de madrugada.





Volto a ser eu mesma,  
Sem muito dinheiro, às vezes sem nenhum.  
Sem amizades verdadeiras,  
Com vícios incontáveis,  
Com vontades que grito entre silêncios emudecidos.  
E com desejos de começar novamente no dia seguinte  
quando o holofote é ligado.





## *Adoração*

*Oh, minhas fãs adoradas*

*Flores que brotam na estrada.*

*(Meus fãs adoráveis, Rutinaldo Silva,  
data desconhecida)*

Uma pessoa não escolhe a sua diva.  
A sua musa é quem lhe elege, querida.

A feminilidade negada,  
Surge ressuscitada,  
Em forma de música,  
Que lhe toca de forma única,  
E empodera a torcida,  
Que na coreografia é agradecida.

A pessoa se apega àquela figura ilustre fortemente,  
Esquecendo-se da dor por um minuto.  
E também deixando de lado o fato de que neste mundo  
Todas as vidas se despedem sempre antecipadamente.





E logo, só restará o brilho das estrelas,  
E o vazio de lembrança,  
A purpurina da última dança,  
E o choro à luz de velas.





## *As urnas*

*Whoever you are—I have always  
depended on the kindness of strangers.*

*(“Blance DuBois” em A streetcar named  
Desire de Tennessee Williams, 1947)*

Um voto errado é a rua vazia,  
É o aluguel caro, é a casa sem comida.  
É a fruta que apodrece no supermercado e vai para o lixo.  
É a praça cheia de moradores.  
É a sopa de ossos na panela.  
É a sopa de pedra no fim do destino.

É mais que tudo isso,  
É ter o dedo cheio de sangue.  
É o sorriso que não se abre mais,  
É a companhia que não volta mais,  
É o show que se acabou.





## *Aquela cujo Divino era a outra*

*Bendito, Goodman Brown! Sou tão  
íntimo da sua família, a ponto de  
quase ser eu mesmo um Puritano.*

*(Young Goodman Brown, Nathaniel  
Hawthorne, 1835)*

De vez em quando, consigo ver Deus.  
Sinto o seu cheiro na manhã dos que estão na rua e ainda  
não chegaram em casa.

Essa redentora é uma figura santa esculpida em traços  
femininos,  
com salto no pé e o terço na mão,  
cabelos longos encaracolados e o rosto latino.  
Uma Jesus sorridente que salvou os seus da fome,  
dividindo o ganho daquela noite.

Outras vezes, vejo a salvadora em uma amiga baixinha e  
com um sorriso brasileiro,  
que trabalha muito e sorri pouco.  
É uma mulher que sozinha sustenta os seus filhos e netos.





Vejo Jesus também na cria dessa mãe.  
Pobre, indo pra cruz policial, julgado como  
bandido porque queria o seu copo de vinho,  
Renascendo no terceiro dia em meio aos  
gritos do protesto.

O caminho, a verdade e a luz encontrei também  
nas pessoas marginalizadas afeminadas que doam  
a sua vida à sua arte,  
Que sacrificam o seu dia e a sua noite na batalha, e ainda  
saem de casa pintadas, coloridas e esculpidas em arte.

Deus habita a professora periférica,  
a travesti, a sambista, a desenhista, a pesquisadora, a  
atriz, a cantora, a bicha,  
a pobre, a que foi expulsa da escola, a trabalhadora da  
limpeza.

....

Também já conheci bem o demônio.  
Avistado no altar das igrejas, nos púlpitos e nos  
bancos comuns.  
Os seus olhos flamejantes encontrei na língua do pastor,  
no bolso do padre.  
Já o vi celebrando suas fartas ceias nos banquetes das  
zonas ricas,  
E acompanhando os pais que abandonam a família.  
Senti suas garras e seus tapas





Em cada palmada da mãe que corrige  
E vi sua frente no rosto do detento e do juiz.

O diabo é esse velho encapuzado  
Que vive e se mistura com o divino diário.





## *A viada*

A viada é bicha nativa,  
sempre fugindo da caça na cidade.  
A viada é uma bicha em extinção.

Assustada,  
Enraivecida,  
Procurando justiça,  
Correndo livre.

A vida, para ela, é sempre um alvo em movimento.

Ela é sempre caçada.  
Nunca fixa,  
Dentro de um fluxo.  
Nunca enraizada,  
Pois a gatinha,  
Vive em seu habitat de preocupação  
Em seu bioma natural: o perigo.





## *Ajabuticaba*

Você é o ramo do pé de jabuticaba que caiu antes do  
tempo.

Mas eu me lembro de quando a gente teve as primeiras  
folhinhas.

Eu e você éramos ramos quase que da mesma idade. Eu  
de um canto e você do outro.

Ramos do mesmo tronco.

Lembro dos papos que a gente batia.

Das outras plantas que a gente gongava.

Do verme da goiabeira que a gente tinha medo.

Quando o jardineiro veio e podou as minhas folhas,

Eu fiquei peladinha.

Você me disse que, mesmo assim, eu estava belíssima  
e que logo estaria coberta de jabuticabas. Toda  
emperiquitada.

E assim aconteceu, logo ficamos todas cheias de frutos!





Só que em um dia nublado, veio um raio.  
Você pegou fogo e caiu. Bem antes da hora.  
Suas jabuticabas no solo, esparramadas como pérolas.





## *Filhote*

*Gosto mundo de cachorro vagabundo  
Que anda sozinho no mundo  
Sem coleira e sem patrão*

*(Cachorro vira-lata,  
Alberto Ribeiro, 1937)*

Meu bebê  
Tem o olho grandinho,  
O narizinho bem fofinho,  
As mãozinhas delicadinhas.  
E as unhas bem cortadinhas.

Um cabelo meio castanho,  
Jogado de um ladinho estranho,  
Um bigodinho  
Com muito pelinho.

Tem a voz rouca,  
De quem tem pouca  
Insatisfação;  
Afinal, que problemas teriam um cão?





Ele me faz companhia de noite,  
Me traz alegria de manhã,  
Me pede carinho de tarde.

É um pouco dependente, quase carente,  
E apesar de pequeninho,  
amo muito este cãozinho.





## *Pedido de namoro*

*Se tu és o sonho dos dias meus  
Se os meus beijos sempre forem teus  
Não importa, querido  
O amargor das dores desta vida.*

*(Hino ao amor, Marguerite Monnot e  
Odayr Marsano, 1961)*

Antes de cruzarmos os destinos, na penumbra deste  
mundo, eu vagava em dores.

Caminhava por vielas sombrias, silencioso, sem  
vislumbrar seu luminoso esplendor.

Desalentado e descontente em uma jornada desprovida  
de ritmos, sabores e cores.



Onde as canções ecoavam em melodia cinza, sem seu  
compasso ritmado de amor.

Então, por acaso, nossos olhos se miraram, e o destino  
sorriu gentilmente,

Você, pintando meu universo com beijos apaixonados,  
coloriu-o sublimemente,

Re-estruturando a minha sinfonia monótona, revelando  
o amor que em mim se tingia,





Foi assim que meu âmago silencioso, em uma orquestra  
autêntica, por você se rendia.

Prismas de praias sujas, cidades limpas, campos  
desolados, separados desbravamos,  
Em outras esquinas do mundo, experiências  
compartilhamos e sonhos vivenciamos.  
Contudo, no instante mágico em que nossos  
caleidoscópios se tocaram de maneira ímpar,  
Ali compreendi que, ao seu lado, minha vida seria uma  
série de canções de um concerto, a se eternizar.

Você é a paleta do maestro que deu significado a meus  
dias, pigmentando-os de alegria,  
E desta forma, num fio tênue, por um triz, nossa história  
se decidiu, em pura harmonia.

Aceitei viver cada alvorecer e anoitecer juntos como se  
estivéssemos em uma ópera espetacular,  
E agora, mais que um par de namorados, nossos destinos  
estão eternamente a cantar.





## *Não tenha medo*

Não tenha medo, minha irmã,  
do julgamento divino,  
dos olhares de punição,  
dos dedos que apontam,  
dos dados corrompidos,  
dos falsos ativismos que excluem.

Não tenha medo, minha irmã,  
de se maquiar,  
de se descobrir,  
de se cobrir,  
de se cuidar,  
de se elogiar,  
de dar um sorriso,  
de amar  
e de se amar.

Não tenha medo, minha irmã,  
da igreja cheia,  
do pastor que fala,  
da sala de aula,





dos colegas impertinentes,  
nem dos parentes,  
muito menos do passado,  
nem do futuro,  
tampouco do presente.

Tenha medo da ignorância,  
do discurso que corta,  
E da política que policia.

Tenha medo,  
mas não tenha medo.





## *Curicaca*

*Carcará: pega, mata e come!*

*(Carcará, João Batista do Vale, 1964)*

A Curicaca, um pássaro da gente, gente como a gente,  
Acorda cedo para anunciar um novo dia de labuta.  
Ela vigia seus ovos, brinca correndo atrás das crianças,  
Corre na grama, canta no alto de uma árvore. Depois, ela  
Sobrevoa o pantanal, poliniza o cerrado e se  
esconde na mata.

Uma garota de asas longas para planar os céus e de olhos  
brilhantes para sonhar alto.  
Seu bico é longo e curvo para protestar indiretamente  
E se reunir com as companheiras ao entardecer.  
E seu canto, entoado com muito orgulho e em conjunto,  
é urbano e rural.  
Fala da dor de perder seus filhotes e da necessidade de  
poder sempre se adaptar.

E em meio à tantas dores, lutas, caças e obrigações,  
A Curicaca ainda encontra tempo para voar e amar.





## *Pedido de namoro* (*versão 2*)



*Se tu és o sonho dos dias meus  
Se os meus beijos sempre forem teus  
Não importa, querido  
O amargor das dores desta vida.*

*(Hino ao amor, Marguerite Monnot e  
Odayr Marsano, 1961)*

Antes de lhe conhecer, certo tempo  
neste mundo sobrevivi,  
Percorrendo vielas, sozinho e acompanhado,  
sem a sua companhia.  
Triste, e desapontado, ao longo da uma jornada  
descolorida e vazia,  
Na qual todas as canções eram, para mim, a mesma  
antipática cacofonia.

Até que, por acaso, eu lhe vi e conheci,  
e a sorte então sorriu.  
Você, com uma paleta de beijos apaixonados o meu  
mundo coloriu,





E abalou minha sinfonia, com o amor que dentro de  
mim você descobriu.

Foi então que meu coração por você se encantou e não  
mentiu

Quando se elevou na mais sincera e romântica melodia.

Praias sujas, cidades limpas, e campos desolados eu havia  
percorrido

Em outras cidades, você também aproveitou o que lhe  
foi oferecido.

No entanto, quando meus olhos e os teus se cruzaram  
pessoalmente,

Ali eu soube que minha vida, ao seu lado, seria  
eternamente.

Você é o romance que trouxe alegria à minha vida,  
E por um fio, por um triz, a história foi decidida.

Minha vida à sua, única e exclusivamente,  
aceitei compartilhar todos os dias daqui para frente  
e agora bem mais que um casal de dois namorados,  
meu destino ao seu estão eternamente entrelaçados.





## *Anamoradinha do Brasil*

*Mamãe, eu quero mamar*

*Dá a chupeta*

*Dá a chupeta pro bebê não chorar.*

*(Mamãe, eu quero, Jararaca e*

*Vicente Paiva, 1937)*

O enrustido é um cara esquisito e misterioso.

Bruto, macho, musculoso e sigiloso,

Ele finge que não vê quando está ocioso,

O rapaz bonitinho que ele acha gostoso.

Ele anda na rua e para as moças olha descarado

cospe no chão, coça o saco, e tem o ego inflado.

Dá uma volta no bairro e até assobia assanhado

para moça que trabalha no supermercado.

Ele é patriota, é um cristão,

É um político, um empresário,

Um pedreiro, um pai ou um irmão,

É padeiro, é um milionário.





Ao chegar em casa, o enrustido se transforma.  
Primeiramente diz à esposa que vai à academia  
Para manter a sua elegante forma  
Ou que vai sair com os amigos para a boemia.

Entretanto, ele é um cara inteligente,  
Por dentro de tudo, entende de tecnologia,  
Ele tem todos os aplicativos na sua mente  
Para encontrar o rapaz que mais cedo ele via.

Online, ele tira fotos, e manda mensagens,  
Encontra outros e conversa vai e conversa vem.  
Então, o enrustido pede sigilo e outras bobagens  
E finalmente marca um encontro com alguém.

O enrustido casado é uma namoradeira!  
Namora um, namora dois, namora mil.  
Namora, namora, namora, parece uma mamadeira!  
Ah! A namoradeira!  
Namora tanto que faz inveja à metade dos  
assumidos do Brasil.

(Nunca é descoberto por um triz,  
E no próximo dia volta a ser infeliz).





## *Children's book*

*The little witch boy I grew up loving*

*Just  
Keeps  
Rolling*

*.  
. .  
. . .*

*Downhill...*

*Taking as it goes  
All my childhood hopes.*

*All is not well.  
Transphobia is a most killing spell.*





## Nasce uma estrela: Elza Soares

*A carne mais barata do mercado é a  
carne negra*

*(A carne, Marcelo Yuka, Ulisses Cppelletti e  
Seu Jorge, 1998)*

Através das ondas do  
Mar e do rádio só se ouviam vozes.

A jovem se levantou,  
Pegou no microfone .  
Ary a olhou  
E lhe perguntou:  
“De que mundo você vem?”  
Ela respirou, lhe olhou  
E disse, sem dúvidas:



“Do país fome”.

Fome.

Fome.

Fome.





O país fome,  
Fome na barriga,  
Fome na mente.

O país do povo,  
Que quer acesso (e não tem),  
Que tem cultura (e não tem acesso).

País de crianças,  
Magrelas e subnutridas,  
Na escola,  
ao sinaleiro.

País fome.  
Tão perto e tão longe do Leblon.  
Tão perto e tão longe de Aparecida.  
Tão perto e tão longe ....  
Tão perto...

E de tão perto,  
a cantora ao microfone brilhou em todo o país fome  
indo para longe  
e indo muito longe.





## *Juventude goiana*

*Ei, Goiânia*

*Não deu pra segurar a barra, então  
eu voltei*

*(Rumo à Goiânia, Juliano Cezar, 1996)*

Oh! Alguém me salve!  
Preciso de ajuda pra agora!

Quero quem mate,  
de forma gostosa,



as saudades das pamonhas,  
e das pamonhadas de outrora.

dos biscoitos de polvilho frito,  
bem-feitinhos lá pela aurora,

do galinho cantarolando,  
do solzinho esquentando,

do pé de seriguela,  
e do gostinho da jurubeba,





das amigas gritando,  
e eu lentamente acordando.

De ir nadar na cachoeira,  
plantar bananeira,  
brincar na rua de “bete” sem medo,  
ir para a escola de manhã bem cedo,

Ai que saudade!  
da realidade  
dos pães de queijos quentinhos de tarde,  
e do pit dog com o pessoal no parque!

Olha que até do pequi, que não me deixa muito  
contente,  
lembro-me muito dele pousando sobre o arroz  
elegantemente!

E para terminar em tom maior de saudade,  
ainda suspiro todo dia lembrando daquela cidade.

Oh! meu adorado e eterno Goiás  
que é bonito e bom demais!





## *Perguntas*

De onde eu vim?  
Para onde eu vou?  
Só sei que fiquei assim,  
E assim eu estou.

A toxic-cidade,  
O veneno,  
A priva-cidade,  
O julgamento.

Aprendi com você  
E repito  
Em um ciclo  
Infinito

O abuso,  
Que, às vezes,  
Ainda confundo  
Com amor.





## *Poetisa do amor*

Não sou a poeta do amor,  
Pois sempre vivi em dor  
Por ser uma figura afeminada,  
Num lugar que me quer assassinada.

Então não consigo falar das maravilhas da felicidade,  
Mas posso abrir minha memória e meu coração para a  
verdade.

Não posso ver um melhor amanhã  
Sem a presença da falecida irmã.  
Talvez seja pessimismo,  
Ou, quem sabe, só meu cinismo  
De viver neste mundo

Que, apesar de lindo,  
Quer meu ser findo,  
E pode me apagar em um segundo.





## *A primeira vez*

Em um trágico chuvoso dia  
Arrastaram o menino gay para o “puteiro”.  
O pai lhe levou pela orelha à força porque havia  
Achado o rapaz, como dizia, muito “caseiro”.

Evitando a visita indesejada,  
O menino aos prantos sua vida privada confessava.  
Dizia que com uma garota flertava,  
Na escola, sua namoradinha, ele a chamava.  
Mas o pai percebia, na voz mais fina do filho que odiava,  
Algo, um tom suave, que não aprovava.

E isso, para o pai, foi o ponto final  
Para aquele momento monstruoso no qual  
Ele deu a seguinte ordem sem compaixão:  
“Venha comigo, nem que seja na base do bofetão!  
É hoje que meu filho vira homem pela minha mão”.

A profissional que ali se encontrava, ao ver  
O rapaz tão desesperado e ao compreender a situação,





Sentiu pena do garoto gentil e começou a dizer,  
Em tom sereno, para ele escutar com muita atenção:

“Comigo, não se preocupe, você estará sempre seguro,  
Então aguenta firme até que um dia esteja maduro”.

E o pai, no final, achou que o filho tinha perdido o cabaço,  
Mas, na verdade, o garoto havia recebido um  
longo e tenro abraço.  
E ao invés de perder ali sua virgindade,  
Achou uma breve e genuína amizade.

Depois disso, o menino engrossou a voz falsamente e  
entendeu o recado:  
Um dia sairia do armário quando fosse independente,  
orgulhoso e declarado,  
Mas infelizmente ainda deveria esperar o  
momento adequado,  
Pois amar, para ele e a moça do bordel, não é e  
nunca foi pecado  
E o seu segredo com aquela amiga ficou guardado até o  
dia tão esperado.





## *Quando adotei um felino*

*Ficou para impedir a loucura (...)  
ficou desta vez para sempre se  
Deus quiser.*



*(Molambo, Augusto Mesquita e Jaime  
Florence "Meira", 1956)*

Ao amanhacer, despertei com um miado e  
inebriantemente inesperado,  
Pulei da cama, libertando-me de um pesadelo atordoado,  
de imediato.

Procurei algo para me vestir, pois as melodias  
felinas insistiam,  
E eu, sem palavras, não acreditei no bichano que meus  
olhos sentiam.

Perplexo e cheio de dúvidas, fiquei um pouco  
incrédulo e preocupado.  
Considerarei estar atordoado frente ao felídeo meloso  
que ali se ouvia.  
Entretanto, admirei a vista, e senti todo o sentimento  
que já existia





E prontificado, emocionado, sabia que o pequeno, por  
mim, iria ser amado.

Então, bem lá de cima, avistando do sexto andar,  
Banhei-me de perfumes e correndo logo lhe encontrar,  
No elevador, ele pulou em meus braços a ronronar.

Subindo o prédio, ele continuava a me apertar e me  
mirar.

E eu, boquiaberto, não conseguia deixar  
de seu toque e sua beleza contemplar.

Ao entrar na minha casa, até então, para ele,  
desconhecida.

O beijei tao apaixonado como nunca o fiz nem farei na  
vida.

Ainda agora me recorde desse dia com a mais intensa e  
vibrante alegria do mundo.

E aquele, que antes estava do lado de fora da minha vida,  
chama de lar a casa onde eu moro.

Não troco este gatinho por nada e ninguém deste  
planeta por nenhum segundo,  
Pois, à primeira vista, descobri o amor neste rapaz por  
quem tanto me enamoro.





## *Suplícios*

*Deixai toda a esperança, vós que  
entrais!*

*(A Divina Comédia, Dante Alighieri,  
1301-1321)*

Oh Deusas!

Não tirem de nós mais não,  
tantas pessoas que moram no nosso coração  
E que se foram tão em vão.

Oh Deuses!

Não levem da gente,  
Mais entes subitamente,  
Desta maneira apaticamente.

Não, por favor, supremo remador!  
Caronte, lhe suplico, não siga agora!  
Absoluto navegante, deixe sua rota para outra hora!  
Não leve mais uma de nós embora!





Prefiro ficar sem o pão,  
Sem dinheiro, sem trabalho, sem teto e sem chão,  
mas sem a vida, minha e das outras, não!

Seja por alguma doença,  
Ou por alguma violência,  
Não reme, Caronte, assim tão rapidamente.  
Ainda há muito caminho a ser trilhado pela frente...





*Uma pena*  
*(parte 1)*

Queria uma pena  
Para re-escrever o passado  
E te trazer à cena  
Os eventos inacabados  
Para re-imaginar os diálogos  
E recriar leis injustas  
Que nos regulam  
E que nos matam  
E que nos expulsam  
Da mãe gentil  
E do solo do Brasil.





## *Uma pena* (parte 2)

Queria essa caneta de pena  
Para trazer seu amor à tona  
Então te diria que em voz plena  
Que ainda te queria comigo na cama  
Lugar de quem se ama.

E se...

Toda quimera se esfuma  
Como a brancura da espuma  
Que se desmancha na areia.  
(*Risque*, Ary Barroso, 1952)

Talvez se eu tivesse me contido  
Nada daquilo tudo teria ocorrido  
E eu evitaria aquele terror sofrido,  
Todo aquele amargor sentido.





Talvez se eu não tivesse dito aquilo daquele jeito  
Ou tivesse tido menos, ou mais, trejeito  
Não teria tantas chagas carregadas no peito  
Do momento de levantar até quando me deito.

Quem sabe se eu tivesse contido aquela espinhosa  
emoção,  
E segurado dentro de mim a barulhenta ansiedade,  
Ou mesmo mantido para mim da realidade a noção  
E talvez pensado antes de agir na imensa saudade

Provavelmente você não teria partido  
Se eu tivesse nesses anos me contido.  
Mas ambos sabemos, você e eu  
Que o melhor foi como aconteceu.





*Descanse um pouco*  
(Versão 2)

Descanse seu coração um segundo, meu amor,  
No meio do trabalho e da rotina cansativa e uniforme,  
Durante os estudos diários e enquanto de  
madrugada dorme,  
Não há motivos para toda essa angústia e inquietação.

Se acalma e se alegra um pouco, meu leitor.  
Porque o tempo e as horas passam muito rápido,  
E logo mais, num piscar de olhos, vai sentir o calor  
Do meu peito aos seus presos pela flecha do cupido.

Não te aflige mais, meu bálsamo desesperado,  
Bem depressa, o final de semana chega e o  
relógio se adianta,  
e daí você poderá me dizer tudo o que tem prendido na  
sua garganta.





Não precisa se atormentar nem por um segundo,  
meu alarmado,  
Que eu prometo que vou lhe esperar e nada a  
você se esquivara.  
Estarei de braços e a casa abertos e lhe beijarei com calma  
pois para nós o tempo para.





## *Manancial*

Do teu amor, tudo beberei,  
pois só tu me sacias e de tu serei.  
Me use, me ame e eu te amarei.

Do teu suor, do teu gozo, me envolverei.  
Tudo o que tu me ofereceres, eu irei  
cultuar como na primeira vez que te abracei.

Teus pés, teus dedos, teu peito,  
tua frente, barriga, teu jeito,  
teus desejos cumprirei no leito.

Não importa o momento,  
realizarei o teu sentimento  
com a maior dedicação.

Me apertes, me bejjes,  
me queiras, me desejes,  
Serei devoto da tua emoção.





E com a febre da paixão,  
Me amarres, prendas e cegues.  
Em teus olhos, serei fascinação.





## *A janela*

*Abri a janela, um som diferente  
entrou.*

*(O toque, Rita Lee e Paulo Coelho, 1975)*

Certa vez perdi alguém insubstituível para uma janela,  
Uma cotidiana, sem importância nenhuma, um buraco  
na parede qualquer.

Deste dia, me estremeço e me apavoro perto de todas  
que vejo,

Assombrado pelo terror de que mais amigos se prostrem  
frente a ela

Se encantem e se enamorem de tal feitiço.

E que de tanto contemplamento e sugestão,

Matem o que de dentro lhes fazem cativos,

Saltando sem cautela e sem razão.

Evitava a janela,

Corria para longe,

Fechava a cortina,

Até que por anos a ignorei

E fingi que tudo esqueci.







## *Gira, gira*

*Verás que tudo mentira*

*Verás que nada amor.*

*(Yira, Yira, Enrique S. Discepolo e*

*Ghiaroni, 1961)*

Ao dom dos boleros, tangos nacionais,  
Na vitrola, ressoam melodias em tons,  
Ouvindo, discardo das canções banais,  
Entre suspiros, lamentos e paixões

Teu ser, prova de que nada é mentira,  
Tudo é amor, até mesmo na ira ardente,  
Teus lábios encontram os meus, fogo que gira,  
Calor e paixão, num amor envolvente.

Teu toque, um tremor que me faz despertar,  
Como dedos em meu corpo a vibrar,  
E o calor evidente em cada fala tua.





Poesias não capturam meu sentir genuíno,  
Mesmo elas, não revelam o divino  
amor que em ti habita, a mais bela melodia.





*Dorme, meu amor*  
(*versão 2*)

Aquieta seu coração, meu amor.  
No meio do trabalho e da rotina uniforme,  
durante os estudos e enquanto dorme,  
não há motivos para inquietação.

Se acalma e se alegra, meu amor.  
Porque o tempo e as horas passam rápido  
e logo mais, num piscar de olhos vai sentir o calor  
do meu peito ao seu colado, junto e despido.

Não te aflijas, meu amado.  
Rapidinho, o final de semana chega e o relógio se  
adianta,  
e daí você pode me dizer tudo o que tem na sua garganta.





Não precisa se atormentar, meu amado,  
Que eu prometo que sempre vou lhe esperar e nada a  
você se escapara.  
Estarei de braços e a casa abertos, pronto para lhe beijar  
enquanto o tempo para.





## *Preces da meia noite*

*Double, double toil and trouble;*

*Fire burn and caldron bubble.*

*(Macbeth, Shakespeare, 1623)*

À meia-noite, em trevas tensas,  
Nas quais o tempo tudo faz congelar,  
Eu clamo aos céus e às terras imensas,  
Por um rapaz que me faz soluçar.

Ó! Anjos e demônios, ouçam meus lamentos,  
Por que sofro tanto sem merecer?  
Que destino cruel, quantos tormentos,  
Me afastam do meu bem-querer?

Eguns e almas, na sua vastidão,  
Testemunhem minha dor profunda,  
Que ecoa em mim como a escuridão,  
De uma existência toda, hoje moribunda.





Rogo aos espíritos que vagam sem rumo,  
Às entidades que selam o segredo antigo,  
Que me auxiliem a encontrar o rumo,  
E a aliviar as dores que tenho comigo.

Que as amarras do amor me prendam agora,  
Com laços fortes, feitos de ódio e paixão  
Para que eu viva este amor que me devora,  
Graças ao poder desta forte oração.





## *O gigante acordou*

O gigante deitado em Ipanema,  
Despertou, impávido e assustado com o  
barulho dos seus filhos.

Encurvado,  
Corcovado,  
Incomodado.

Os gritos de independência ainda faziam  
um eco gentil baixinho,  
Que martelava uma adoração insistente,  
E pulsava uma vontade de sonhar  
Um sonho não do dormir, mas do mudar.

Mas o gigante,  
Pobre colosso!  
Depois de alguns minutos estagnado,  
Decidiu voltar a sonhar  
E deitou-se em seu esplêndido berço.





## *A academia do pensamento*

Escrever é um exercício,  
E por isso eu escrevo sem vício.  
Não porque sou boa,  
Mas porque quero que meu sentimento escorra.

Escrever é exercitar os dedos,  
E por isso eu não fico parada.  
É preciso ter coragem pra digitar sem medos  
As coisas que me querem deixar calada.

O papel é a esteira da mente,  
Sempre correndo vagarosamente,  
Entre um pensamento e um grande problema.  
Entre um sentimento e uma reflexão da alma.





## *Despautério*

*Jurei não mais amar pela décima vez,  
Jurei não perdoar o que ele me fez.  
(Décima vez, Noel Rosa e Cristovão de  
Alencar, 1935)*

Admito que fiz coisas imperdoáveis no altar  
da nossa amizade e  
disse falas demasiadas, emocionadas na praça  
da nossa coletividade.

Sei que não me perdoou pois fazê-lo seria a  
você mesmo uma traição.

Um despautério que você cometeu por pena, inúmeras  
vezes em vão.

Entendo bem que promessas de mudanças já não têm  
mais validade,

E você sabe que guardei rancores por anos por uma  
idiota vaidade,

E reconheço que, como não me resta perdão,  
Me restrinjo ao meu lugar obscuro de solidão.





Onde assombro as memórias  
e revivo as nossas histórias.  
E pálido relembro as glórias.

Mas acredite, eu paro, lhe escuto, me adoeço e me  
convenço lenta e tristemente  
Que errei e lhe magoei desde o começo e talvez nunca  
compreendi o que você sente.  
Assim, farto de meu fardo e desapareço: quietamente,  
afogado meio à fumaça incandescente...





## *O rapaz da ponte*

*Cidade maravilhosa, cheia de  
encantos mil.*

*Cidade maravilhosa, coração do  
meu Brasil.*

*(Cidade maravilhosa, André Filho, 1934)*

Cansado, com saudades de casa,  
Com o olhar fixo na brasa,  
O rapaz, jogado debaixo do viaduto,  
Sente como é estar e ser adulto.

Ele acende o seu cigarro.  
dá um pigarro,  
e outro escarro.

Toda noite, vem a mesma dor no peito.  
A chuva cai e lhe molha o leito,  
E as utopias da infância apagam o seu consolo.

E sabe o que lhe incomoda mais?  
O frio da garoa que banha o corpo sujo, desbanhado  
E o fedor de urina em cada canto onde ele dorme isolado.





E sabe o que lhe emociona mais?  
Que o Rio de Janeiro, metrópole da luz, continua lindo  
E quando ele passa, descalço pela praia, continua  
sorrindo.

E sabe o que lhe fere mais?  
É que ele tem certeza de que a cidade não é tão assim  
maravilhosa  
para tantos outros que estão juntos nesta situação  
desesperançosa.

### Borboleta <sup>2</sup>

Uma vez, como lagarta, me falaram que eu não sabia  
brilhar.

Me disseram que eu não era artista,  
Que eu não tinha estudo para ser aplaudida.

E eu, lagartinha, me senti um coró de arroz.  
Um verme da goiaba que só existe pela metade.

Digerida.

- 
2. Reescrita do poema "Coró" do livro *Cerrado Colorido* (Cegraf/ UFG, 2021). Esta segunda versão é uma homenagem à grandiosa artista goiana Karla Ariella que, graciosamente, interpretou a primeira versão deste poema antes de nos deixar.





Cresci, entrei no meu casulo, e sai “brabuleta”  
Aprendi a escrever.  
Transformei a dor em um casulo de diamante,  
o isolamento em transformação,  
e a quietude em uma fortaleza de brilhantes

Reluzindo um brilho  
Que ora quase se apaga  
mas pisca,  
Queima,  
Arde,  
Fulgura,  
Lampeja,  
Rutila,

Cintila e arte.  
E quem falou que eu não era estrela ficou estagnado,  
Na escuridão do céu apagado.





## *Para um Brasil, sem amor e sem Anjos<sup>3</sup>*

*É preciso estar atento e forte,  
Não temos tempo de temer a morte.*

*(Divino maravilhoso,  
Caetano Veloso, 1969)*

Me pergunto se existe ainda hoje quem já pensou  
Ou se algum jovem, ao se deitar, já se questionou  
se a pátria querida realmente trabalha  
por aquele que morre no campo de batalha,  
Se a nossa querida nação,  
tem um pingão de preocupação,  
Com quem, com esperanças mortas e sorradeiras, vive e  
definha a sonhar  
Com aquele ente querido, décadas atrás, desaparecido.  
Me indago se, no microcosmo do quarto  
do jovem deprimido,  
O Brasil se corrói no macrocosmo do agora de alguma  
desesperada familiar.

---

3. Reescrita do poema "Para Esme, sem amor e sem sordidez"  
do livro *Cerrado Colorido* (Cegraf/UFG, 2021).





Quantas pessoas sumiram?  
E quantas outras sumirão?  
Quantos outros anjos ainda hão de sumir?  
E quantas bocas irão se calar antes de abrir?





## *Carnaval nos quatro cantos do Brasil*

*Caramba! Caracoles! Sou do  
samba,*

*Não me amoles.*

*Pro Brasil eu vou fugir!*

*(Touradas em Madrid,  
João de Barro, 1938)*

O carnaval é da minha terra a folia mais querida,  
O povo, em bandos, desce e na avenida se  
perde em alegria,  
Durante a festa mais esperada e brasileira,  
colorida e quente,  
Que o povo deste meu Brasil celebra contente,  
Em sublimes fantasias e sua profunda alegoria.

Mas nenhum cordão e nem marchinha,  
Nem desfile, bloquinho ou samba,  
Nem nada escrito por esta gente bamba,  
Absolutamente nada que venha à mente minha.

Poderia se comparar ao amor carnavalesco de dois  
namorados,





Que juntos, durante o feriado nacional, navegam em  
segredo,  
No escurinho dos seus quartos ou em lugares  
escancarados,  
E que celebram suas paixões eternas e a carne  
desenfreada sem medo.





## *Indiferença*

O senhor de todas as moscas  
Que voam sob a carniça decomposta  
E pousam sobre as mentes santificadas,  
Aquele que guarda os portões do sofrimento eterno  
E os abre aos puros de coração.  
Caminha entre cidades de mortos e vivos,  
Invisível aos olhos atentos  
Entre vastos campos de flores e dores,  
Feitos de concreto e cruces.

Silenciosamente,  
Ele alimenta nossos instintos divinos e humanos,  
Desconhecidos,  
Devorando-nos e regurgitando-nos,  
Quimerizados  
Em seres blasfemos  
De rostos angelicais,  
Amálgamas de corações indiferentes  
E paixões seletivas.





Aquele que se regozija na desgraça,  
Dono dos roedores que tudo consomem,  
Nina atentamente as crianças,  
Escondido em cada berço de ouro.  
Ele planta sementes de ódio e bons costumes  
Em jovens mentes de chorume.

O arauto da fome,  
Guloso pastor,  
Viaja pelas mentes idosas daqueles  
Que já estão mortos,  
Ainda que vivos,  
E reside em almas misericordiosas,  
Habitando cantos escusos  
E torres de marfim.  
Ardente chama da devastação,  
Suas pragas resistem aos séculos  
E continuarão a existir,  
Trazendo consigo nossa destruição.





---

#### **SOBRE O E-BOOK**

Tipografia: Garamond Premier Pro, Montserrat

Publicação: Cegraf UFG  
Câmpus Samambaia, Goiânia,  
Goias. Brasil. CEP 74690-900  
Fone: (62) 3521-1358  
<https://cegraf.ufg.br>

---



